

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º A entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 577	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	25800	12900	6950	5120		<i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4</i>
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	24000	—	—	5 DE JANEIRO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



S. PEDRO — QUADRO DE GRÃO VASCO NA CATHEDRAL DE VIZEU

Gravura do sr. Diogo Netto

(Cópia de uma photographia)



CHRONICA OCCIDENTAL

O anno de 1895, o anno novo, deu o mais gentilmente possível as boas festas aos Lisboaes, brindando-os com os dias mais formosos, mais agradáveis, mais encantadores que o Inverno tem ao seu dispor, quando quer disputar primazias com a Primavera.

Efectivamente ha muito tempo que não appareciam cá, em pleno coração do Inverno, dias mais bonitos, mais alegres, mais tepidos e mais aprasiveis que os das festas d'este Natal e Anno Bom.

Um verdadeiro encanto, esses dias, e d'ahi a enorme, a excepcional concorrência que encheu as ruas da cidade, os passeios, as gares dos caminhos de ferro, os logarejos mais aprasiveis das circumvisinhanças de Lisboa, n'esses dias festivos.

Ha, de ha muito tempo, entre a nossa gente a crença que é de bom agouro sahir de casa no primeiro dia do anno.

Quem no dia d'anno novo não sae, corre muito o risco, diz-se, de ficar todo o anno aferrolhado em casa, e por isso, no primeiro de janeiro, embora chova ou vente toda a gente põe o pé na rua, ainda que não seja senão entrada por sahida, e só os doentes, os achacados, é que se deixam ficar n'esse dia a fazer companhia aos penates.

Este anno, a crendice popular juntou-se a belleza extraordinaria do dia, que com o seu sol radiante, alegre, e primaveralmente temperado, convidava toda a gente a sahir a rua: — pobres e ricos, novos e velhos, agasalhados e esfarrapados, sãos e doentes, e por isso Lisboa apresentou n'esse dia um aspecto excepcionalmente festivo e animado.

Na Avenida da Liberdade ás quatro horas da tarde não se podia atravessar: d'alto a baixo d'este Val de Pereiro até á rua do Príncipe a multidão era enorme, compacta, como em dia de Batalha de Flores ou de Parada celebre.

No Passeio da Estrella — o jardim publico mais bonito e mais bem tratado que ha em Lisboa — a concorrência era extraordinaria tambem: as hortas, o *fóra da terra*, abarrotavam de gente, os comboyos para Cintra, Bellas, Queluz, Estoril e Cascaes não tiveram em todo o santo dia mãos a medir e o anno novo, o 1895 apresentou-se com uma alegria, uma vida, uma animação verdadeiramente extraordinaria, como se quizesse com todo esse esplendor, essa magnificência do seu *debut*, desvanecer a má impressão que, por ventura, em certos espiritos mais apprehensivos, mais dados a crendices, fizesse nascer a sua entrada em Lisboa a uma terça feira!

E digam lá ainda que a terça feira é dia aziago! Ah! está a primeira terça feira de 1895 a provar alegremente que dias aziagos é coisa que não ha!

Não houve dia mais alegre, mais festivo, de animação mais contagiosa e de sol mais triumphal, que essa terça feira!

Nunca dia d'anno bom justificou mais exuberantemente o seu nome.

Um bom dia e uma boa noite! Dia cheio em todas as suas vinte e quatro horas.

Enquanto o sol andou lá por cima a alumiar-nos, festança a deitar por fóra ahi por essas ruas, por esses passeios; apenas o sol desapareceu, o jantar de familia com todas as alegrias tradicionais das festas patriarchaes, e depois os theatros, os baiaricos, os cavallinhos, as festas particulares, as arvores do natal, as kermesses, as sortes, as *sourees*. Ao jantar os perus e as peruas andaram n'uma dança, á noite os camaroteiros dos theatros e dos circos andaram n'uma fôna.

Todas as casas de espectáculo de Lisboa au *grand complet* na noite d'anno bom!

Enchentes á cunha, coisa com que ellas se não benziam ha muito tempo, porque enchentes á cunha não é coisa muito vulgar nos nossos theatros, desde que elles se multiplicaram da maneira assombrosa, que para ahi se vê.

Este inverno estão funcionando em Lisboa nada menos do que dez casas de espectáculos: sete theatros, dos quaes, dois enormes: — o de D. Amelia e S. Carlos; tres circos, entre elles o colossal colyseu dos Recreios, a grande nau que ainda não conseguiu desmentir o proverbio da grande tormenta. Pois na noite de anno bom todos elles se encheram, o que chega a ser quasi inverosimil.

E já que fallamos em theatros, demos uma pequena noticia acerca das novidades que elles exhibem, noticia feita por informações, porque infelizmente a doença que ha tres mezes nos pro-

hibe de sahir de casa á noite, não nos tem deixado acompanhar o movimento theatral da epoca.

O theatro de S. Carlos não tem tido *sucessos* ruidosos nem quedas estrondosas. Quatro operas apenas, que nenhuma d'ellas deu que fallar de si nem em bem nem em mal, o *Fausto*, *Mephistopheles*, *Orpheu* e *Somnambula*.

Companhia idem.

Um tenor muito bom, o sr. de Marchi—Um 2.^o baixo rasoavel, o sr. Daddi—A soprano ligeiro, muito distincta, e muito nossa conhecida já, a sr.^a Pacini—Um maestro extraordinario, o sr. Goula—Um corpo de baile abaixo de *mau*, uma orchestra acima de *bom*.

No theatro D. Amelia a companhia italiana Tomba tem agradado bastante em algumas operetas, mas o seu agrado tem sido muito menor do que a fama de que vinha precedida.

Quando se dizia bem da companhia Gargano, os entendedores, os que já conheciam a companhia Tomba, commentavam:

—Então o que dirão vocês da companhia Tomba! Essa é a primeira de toda a Italia.

A companhia Tomba veio e muita gente continua a dizer bem da companhia Gargano.

O Gymnasio, tem actualmente dois grandes *sucessos* de gargalhada, um de Paris, e outro de Madrid: — a *Familia Pont Biquet*, de Alexandre Buson, uma das peças parisienses de mais fama nos ultimos annos, traduzida pelo nosso presado collega brasileiro o sr. Luiz de Castro; e a *Zaraguela*, uma engrassadissima comedia hespanhola, traduzida pelo distincto ensaiador do Gymnasio o sr. Leopoldo de Carvalho.

O theatro de D. Maria, passa em *reprise* as melhores peças do seu repertorio enquanto não está prompto para subir á scena o novo original de Marcelino Mesquita.

A Rua dos Condes tem um grande successo, com uma peça historica original, em prosa, a *Ignez de Castro*, de Maximiliano d'Azevedo, um auctor dramatico de muito talento e de notabilissima erudição.

A *Ignez de Castro* agradou muito na primeira noite; e nas noites immediatas tem tido um grande exito de applausos e de enches.

O theatro da Trindade continua com o *Sal e Pimenta*, cujo successo é de noites a noites renovado, reforçado, com quadros novos que agradam immenso.

Nos Colyseus a grande novidade é no Real Colyseu da rua da Palma, o sr. Fragoli, com a sua variadissima collecção de typos, que nos dizem todos ser verdadeiramente surpreendente.

E aqui tem rapidamente as novidades theatraes de Lisboa na estação actual.

Do mesmo modo que a grande atracção de Lisboa na quinta feira santa são as egrejas enteidadas, a grande atracção no natal e no anno bom são os presepios.

Este anno, á lista já muito conhecida dos presepios que se expõem n'esses dias pelas principais egrejas da capital, o presepio da Sé, o da ermida da Sr.^a do Monte, o de Santo Antonio dos Capuchos, veio juntar-se um novo presepio que é o mais notavel de todos elles, que merece ser visto, que tem muito que ver e, que nos conste, nunca tinha sido exposto ao publico — o presepio das antigas freiras do convento do Coração de Jesus.

Esse presepio foi este anno exposto n'um dos claustros da basilica da Estrella, hoje freguezia da Estrella e é o mais notavel que temos visto em Lisboa, já pelo tamanho, já pela perfeição, quantidade e belleza das figuras, já pela sua excellente e artistica disposição.

É um presepio de grandes dimensões; deve ter cerca de mil figuras, todas de barro, de excellente escultura, algumas — as do primeiro plano, de perto de meio metro d'altura, agrupadas com muito gosto.

Todo o presepio está cheio de graciosas e pittorescos *detalhes* muito curiosos, pequeninas scenas da vida campestre na Judéa, bem estudadas e bem dispostas, que fazem d'elle uma obra muito interessante e de notavel valor.

O presepio foi pouco visto, porque foi pouco annuciado, pouco *reclamado*, como hoje se diz, e muita gente ignorava a sua existencia ou o seu valor.

Amanhã, dia de Reis, é o ultimo dia em que esse presepio está exposto, desde as dez horas da manhã até ás 2 horas da tarde e recommendamos a todos os amadores de curiosidades que não deixem d'ir vê-lo.

E com esta recommendação e com as nossas

boas festas, damos por finda a nossa primeira chronica de 1895.

Gervasio Lobato.

O S. PEDRO DE VIZEU

Pintura em madeira na cathedra

Os quadros de Vizeu são hoje conhecidos e nomeados nas litteraturas de arte. São notaveis na historia geral da pintura, notabilissimos na pintura portugueza.

Associado aos quadros de Vizeu anda o nome de *Grão-Vasco*, com um nimbo de gloria unico na peninsula, synthese lendaria de uma escola, de uma evolução inteira na arte nacional. Os eruditos, os criticos de arte, nacionaes e estrangeiros, tem fallado e escripto de tão singulares primores.

Mas o maravilhoso S. Pedro ainda não tinha sido gravado. A photographia do seu poderoso e sereno rosto anda de ha muito em livros estrangeiros, permanecendo desconhecida á maioria dos que em Portugal se importam de arte. Felizmente o sr. C. Alberto ousou mandar gravar, segundo uma photographia, esse quadro que é uma gloria do paiz.

Eu não desejo reproduzir ou condensar aqui o que os criticos d'arte tem dito do quadro; esse trabalho está feito pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, o sabio escriptor que nos ultimos annos mais importantes elementos tem posto em circulação, tem vulgarizado, nos dominios da arte nacional. No seu trabalho, cheio de factos e averiguações, sobre a pintura em Vizeu, incluso no artigo *Vizeu, do Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal, estão condensados todos os resultados a que chegaram Robinson, Justi, etc.

Vou reunir n'este artigo outros elementos que será bom vulgarizar, e que lucram, augmentam de valor e significação no simples agrupamento.

Um escriptor inglez de justa fama, conhecedor de bellas-artes, e que tem visto as primeiras collecções do mundo, Crawford, dá ao S. Pedro de Vizeu uma extraordinaria importancia. Os periodos do intelligente escriptor são de tal quilate que eu vou transcrever os aqui na integra — *Early on the following morning I went to the Cathedral. Passing under its lofty aisles and through its dingy cloisters, we reached the Sacristy, a large well lighted chamber. What was my astonishment when, after some little fumbling with the key, the door was thrown open, at finding myself in front of one of the grandest masterpieces of the art of painting! Not even before the few greatest pictures of the world, no even when standing before Raphael's Madonna at Dresden, the great pictures in the Vatican, or even the frescoes of the Sistine Chapel, have I felt so unmistakably that I was in the presence of the handiwork of a great and rare genius; and after the interval of several years I have not the slightest hesitation in recording my opinion that this great picture at Vizeu ranks among the six or seven masterpieces of the world.* (Travels in Portugal, by John Latouche, 3.^a edição, p. 25., John Latouche é pseud. do sr. Crawford).

O culto e sincero escriptor e critico de arte, descreve (p. 260 e 261) minuciosamente o quadro. A gravura representa perfeitamente esse primor e prodigio de arte. S. Pedro, revestido e paramentado em pontifical, de riquissimos tecidos bordados, está na cadeira de marmore branco, aos lados duas janellas em arcos, firme em columnas de porphydo vermelho, dizem para a luz, para o espaço, deixando ver largas e suaves paisagens, aguas, arvores, castellos e burgos.

S. Pedro caminha sobre as aguas, á direita da figura principal; e recebe as chaves do céu, no quadro que fica á esquerda.

O santo, magestoso e sereno, bem posto no seu throno, abençoá, erguidos os tres dedos primeiros da mão direita; tem luvas; anneis sobre a luva. A larga alva, o amplo pluvial descem em largas e naturaes pregas; a mitra está solidamente posta n'aquella serena e poderosa fronte; a mão esquerda abre os evangelhos assentes sobre o joelho; e posteriormente á thiara desenha-se singelamente o nimbo da santidade. É ornamentado o chão de ladrilhos esmaltados; bases e capiteis, braços do throno, e seu docel ostentam trabalhos de escultura; os tecidos são carregados de bordados a ouro e pedraria; as paisagens habilmente tocadas. Eram prodigiosos de sober, de abnegação, de amor da arte os artistas dos seculos xv e xvi.

Este primor d'arte é portuguez, flamengo, allemão?

Antes de mais, creio que hoje é sabido que muitos quadros vieram para Portugal dos centros artísticos do Reno ou da Flandres; que artistas de lá vieram trabalhar para Portugal; que alguns portugueses estiveram a pintar n'esses paizes, fôcos de arte e erudição no século xv e xvi. É preciso não esquecer também que houve relações com Itália. Lembra-se o Contucci, e o Hollanda, André de Resende, Damião de Goes conheceram, e viram e viveram no cultismo estrangeiro da sua época, como nenhum dos portugueses modernos, artistas, homens de letras ou de sciencia. Eu sinto tentações de explanar este ponto, agora, mas ficará para outra vez ou outro lugar. Sinto muito prazer em lavar aqui a opinião de Crawford. As suas sinceras duvidas são para mim de alto valor.

A pintura é evidentemente dos primeiros annos do século xvi, e mostra intensamente a influencia flamenga.

Mas as roupagens não apresentam as características das primeiras escolas flamengas; descem em bellos e amplos movimentos, lembrando a maneira de Andrea del Sarto. O santo olha em frente, firme, e superiormente como dominando a multidão; a expressão do rosto traduz bondade, e ao mesmo tempo é ousada e energica. Tem algo da intensidade dos retratos raphaelescos de Julio II, mas a expressão é mais directa e dominadora; tem o seu tanto do poder do Moysés de Miguel Angelo, sem nada do elemento pagão que alguns criticos acharam n'essa grande estatua.

Francamente, é muito isto; conclue-se que tem o melhor do flamengo e do italiano.

O pintor soffreu a influencia italiana, sem tomar na imitação. As proporções das figuras no segundo plano não são flamengas; Raphael poderia desenhá-las assim.

Os elementos architectonicos, são do característico periodo do renascimento chamado em Portugal o *manuelino*.

Ora é difficil imaginar um pintor septentrional executando um trabalho de tal ordem sem mostrar indício da sua origem forasteira, e do seu proprio meio. Nas pinturas de Vizeu nada denuncia influencia flamenga; os rostos são de typo meridional; ao exame mais apertado nada resalta que mostre signal de influencia da arte do norte da Europa.

—Here, then, is a dilemma; if this painting be the handiwork of a Peninsular artist, it is unique in possessing not the mannerism only of a certain northern school, but a degree of artistic skillfulness which only two or three masters of that school have ever attained to; again, if it be Flemish, how comes it that it bears no internal traces of its origin? There is, it seems to me, only one possible reconciliation of the alternatives. The picture may be the handiwork of a naturalized northerner.

Quer dizer, a pintura pode ter sido executada por um septentrional, um flamengo, naturalizado; residente no paiz e influenciado pelo nosso meio. E porque não um portuguez que fosse pintar por algum tempo com os mestres flamengos, ou que em Portugal frequentasse a officina de um mestre estrangeiro? Note-se que a tradição oral de Vizeu diz que o pintor um dia abalou, sem se saber para onde foi.

Ha quadros flamengos e allemães bem conservados em varios pontos do paiz, e alguns centos de taboas pintadas aqui com influencias mais ou menos definidas das escolas septentrionaes; seria optimo que se fizesse um inventario de todas essas joias e monumentos de arte. Pouco a pouco, estudos de nacionaes, e inspecções de estrangeiros entendidos (hoje as colleções portuguezas são conhecidas no seu principal por Justi, Bredius, etc.) esclarecerão as questões de pintura em Portugal.

Os quadros de Vizeu podem ser de um pincel portuguez educado no estrangeiro, ou por um estrangeiro, flamengo ou allemão.

Ha parceiros, ha taboas com ar de familia, que não se devem olvidar; a comparação é sempre util.

Eu não desejo alongar este escripto; não vou fazer comparações de minucias isoladas, dos bordados, da mitra, das luvas, dos anneis, das finas paizagens azuladas, das columnas de porphydo vermelho, do xadrez do pavimento, da cadeira monumental encimada pela concha decorativa, etc. Tudo isso são elementos que se encontram reproduzidos frequentemente nos quadros da primeira metade do século xvi. Aos agrupamentos de taes dados é preciso reparar porém.

Ora é isso que se dá, por exemplo com o quadro n.º 2 da sala y do museu das Janellas Verdes;

ha coincidência de varios elementos, roupagens, columnas, maneira, e... tom portuguez.

Nos quadros 6, 27 e 28 da sala H; no 680 da sala G ha elementos também communs, ficando todos inferiores ao S. Pedro de Vizeu, e cousa singular em nenhum de taes quadros se encontra esse olhar superior, seguro, como que consciente do seu poder e valor, como na pintura de Vizeu.

Mas n'este ponto tenho eu uma duvida, e terrivel; é se acaso alguma restauração não terá estragado sem querer, sem reparar, os olhares de alguns personagens; é tão facil modificar um olhar; é tão perigoso alterar n'um fio que seja uma pupilla ou uma palpebra!

Mas o que ha indubitavelmente nas pinturas apontadas, e poderia marcar mais, é um tom portuguez; e eu não julgo facil que um flamengo ou allemão pintasse em portuguez; mais provavel é que taes pinturas sejam de portuguezes influenciados por estrangeiros.

Note-se ainda: o quadro n.º 2 da sala y tem a data 1529.

Sobre a lenda popular do pintor, do *Grão Vasco*, do primeiro pintor do mundo, e a respeito dos já celebres moinhos do pintor, ha um trabalho recente do sr. Henrique das Neves, illustrado official do exercito, que permanecendo alguns mezes em Vizeu aproveitou as horas fériadas dos seus afazeres officiaes estudando a *cava de Vriatho*, e os moinhos; raras serão as horas vagas tão bem utilizadas. O resultado d'essa investigação encontra-se n'um folheto, publicado em pequena tiragem, e por isto o julgamos pouco conhecido, e que em poucas paginas contém muita cousa boa. Nós vamos extrahir o que diz respeito aos moinhos, e á quinta do pintor, e ás lendas populares do Grão-Vasco, nos arredores de Vizeu.

O povo sincero e ingenuo premiou o grande artista com o nimbo immortal da lenda gloriosa.

O artigo do sr. Henrique das Neves intitula-se *Os moinhos do pintor, Subsídios para a questão da existencia de Grão Vasco*.

Ouçamos o illustrado official:

Os criticos d'arte que tratam de Grão-Vasco, referem-se algumas vezes aos moinhos do pintor nos subúrbios de Vizeu, mas sempre de passagem e como quem não quer tomar responsabilidades em ditos vagos e sem substancia.

Pois saibam que taes ditos tem toda a realidade, e cremos que correlação immediata com a existencia do notavel artista; não afançaremos também, com a sua naturalidade.

Sabem-se os termos em que esta questão está posta: Berardo descobriu o assentamento do baptismo de Vasco, filho de Fernandes, pintor, Rackzinski, o proprio Berardo e outros tomaram o achado como do baptismo do grande homem.

Estudado o asserto por Robinson, Sousa Holstein e outros criticos, acordaram no seguinte: que Vasco Fernandes (o grande) fora pae de Francisco Fernandes, pintor, e este pae do Vasco baptisado na sé de Vizeu em 11 de setembro de 1552, a quem se refere o averbamento encontrado por Berardo no primitivo livro de baptismos, affirmando a profissão do pae, pintor. Pela filiação tentada d'este modo o Grão-Vasco (Vasco Fernandes) citado pelo dr. Botelho Pereira, que viveu no século de quinhentos, é aquelle proprio e não o do assento baptismal de 1552, e assim, fica concorde.

Sousa Holstein, porém, pretende mais; julga ter encontrado um elemento novo que se ajusta perfeitamente a esta filiação conjectural, e até vem dar-lhe consistencia. Diz elle (*Introdução* ao livro de Robinson), que uma tradição viziense refere, que os moinhos do pintor, pertenciam ao grande Vasco, pintor cerca de 1480.

Onde depararia o estudioso marquez com esta tradição viziense? Em Vizeu, nem escripta nem oral, tivemos a fortuna de a encontrar com tal precisão de data, em satisfação ás nossas perguntas.

Sousa Holstein, mencionando esta tradição, remata deduzindo:—A filiação conforme se tenta expôr, concilia-se com esta tradição. Assim teria Vasco, o grande, nascido cerca de 1460, vindo a pintar ainda aos 60 annos de idade.

Não obstante, como nenhum documento se encontrasse explicito de modo a pôr termo vantajosamente á questão da naturalidade e do nascimento, a controversia abandonou este terreno e voltou a discutir a existencia de uma escola de pintura portugueza.

E andou ella muito bem.

E nós também voltamos... aos moinhos.

Os moinhos do pintor, assim é a designação local, vulgar; o que resta porém dos antigos moinhos (aze-nhas) é um apenas.

Da estrada que tornea a Cava pelo oeste, e segue para Moure, tendo-se caminhado 2 a 3 kilometros a partir da cidade, estendem-se á direita uns terrenos po-brissimos que são cortados pela ribeira de S. Thiago. Uma parcella d'esse terreno, para onde se entra por um portelho aberto no muro de pedra solta que a separa da estrada, é a *Quinta do pintor*. No lance da ribeira que corre n'esta quinta ha tres moinhos: dois de construção mais acabada e moderna, e outro que fica pouco mais distante, de pedra solta, baixo, acaçapado e coberto de hera trepadeira. Este ultimo é o que a tradição local aponta com o do pintor.

Quinta e moinho de que pintor seriam? Vejamos.

O sr. Antonio José Pereira, professor de desenho no lyceu viziense, pintor de merito, valioso e obsequioso cicerone dos artistas criticos e amadores que vão áquella cidade, e o descobridor do unico quadro conhecido com a assignatura *Vasco Fz*, tem em seu poder um documento passado no cartorio do escrivão Silveira, em 1870, que nós, com permissão do seu possuidor, extractamos nas seguintes palavras: Testamento no inventario do dr. Jorge d'Almeida, abbade de Ribafeita, que instituiu morgado, feito em 1613; diz: «E mais um casal que tem em o logar do Sanguinhedo de Cotta, que foi de Vasco Fernandes, pintor, morador que foi n'esta cidade».

Ficamos sabendo por este documento que Vasco Fernandes pintor morou na cidade de Vizeu, e era proprietario rural a 3 leguas da cidade.

E que não era proprietario rural somente alli, diz-nos o sr. Moraes, habil empregado na conservatoria, e cavalheiro esclarecido. Eis igualmente as palavras das nossas notas: Affirmou-nos elle que, sendo administrador da casa da Prebenda, viu no Tombo da propriedade d'aquella opulenta casa que foi, datado de 1680, e na parte relativa ás limitações dos cascos arrendados a varios caseiros, um que dizia... confronta ao nascente com os terrenos do casal que foi de Vasco Fernandes, pintor; e que este dixer se referia ao sitio hoje denominado *quinta do pintor*.

Agora o leitor queria vir connosco de passeio até aos cascos proximos da quinta do pintor, para ouvir a tradição local narrada com vivacidade e grande interesse, como nós a escutamos, pelos camponezes d'alli.

Mas não. Vamos de preferencia a Abraveses. Será antes o sr. João d'Almeida Grillo, que mais auctorisadamente e em resumo nos relatara os casos correntes e pittorescos da mocidade de Vasco, um grande pintor que existiu ha muitos moios d'annos, como por lá dizem.

O sr. Grillo, homem de 89 annos de idade, é o proprietario por herança da quinta e moinhos ditos, e as partidas que conta, feitas pelo moço Vasco n'aquelle logar, diz ser antiga historia na sua familia, e que elle ouviu bastas vezes em pequeno.

Vasco, o primeiro pintor do mundo, (acrescenta sempre e inevitavelmente o sr. Grillo) era filho do moleiro d'aquelle moinho e morava na casa que ficava perto da ribeira, na encosta do monte. D'esta casa mostram ainda os camponezes umas pedras que dizem ter sido das paredes; uma talvez alli fosse collocada, as outras evidentemente pertencem ao solo, podendo não terem sido aproveitadas.

Do filho vir a ser pintor de fama e herdar o casal, é que a quinta e moinhos tiveram o nome porque ainda são conhecidos.

O pae diz-se que bebia de mais; e o filho, muito novo ainda, pintando na porta do moinho o retrato do jumento do casal, carregado com as taleigas da farinha, enganara o pae uma tarde, a ponto de que este querendo recolher o animal e vendo que não se movia, desatou a bordoadá... na pintura e descobriu então o logro.

Um dia o rapaz abalou.

Não se sabe bem aonde, serviu um sугейto que encarnava imagens. Uma vez mandou-lhe este que não deixasse as moscas pousarem n'uma certa imagem. Vasco, o primeiro pintor do mundo—, pintou uma mosca no nariz da imagem. D'aqui surdiu um equívoco com que o imaginario se encançou devêras. D'outra vez escondeu os chinellos que o patrão costumava deixar em certo sitio, e pintou alli uns eguaes, eguaes; grande surriada quando o sугейto quiz metter-lhe os pés.

Emfim, era o diabo com um pincel na mão. Mas também era generoso e bemfazejo, e á falta de dinheiro, quando queria beneficiar algum desgraçado, comprava um pedaço de panno, onde pintava fructas, etc. Elles vendiam aos apreciadores e o grande homem só accetava o dinheiro do panno.

O sr. Grillo, reserva para o fim esta outra, por se lhe afigurar um tanto duvidosa; mas como não quer responsabilidades nem encargos de consciencia, vai á cautella prevenindo: diz-se, que na figura d'um santo, elle de proposito não acabara um dedo, e que até hoje ninguém logrou fazel o por não saber compor as tintas como elle, que as compunha com ervas.

Que esta tradição está amalgamada com outras con-gêneres; que n'ella entrem elementos conhecidos de outras tradições e até de lendas, parece-nos manifesto; mas também, que uma tradição de caracter artistico não se gera assim n'uma determinada localidade, sem ter havido o quer que seja de realidade, de facto extraordinario que emocionasse fundamente o espirito d'essa gente sertaneja, alheia totalmente a abstracção de espirito, ao ponto de que a sua religio-sidade exige para crer nas cousas sobrenaturaes a concretisação, como se observa nas *Senhoras appare-cidas*, reveladas por imagens de madeira ou pedra, é para nós evidente.

Portanto, pelos nomes locativos, pela tradição local e pelos documentos, havemos de concluir que ha relação, e immediata, entre a existencia do pintor Vasco Fernandes, um artista alem do commum, e a *Quinta e moinhos do pintor*, situada a curta distancia de Vizeu.

Nós em Portugal não sabemos das ossadas de Camões, e de Gil Vicente; o pintor de Vizeu ao menos ficou sepultado, na memoria e nos corações d'aquella santa gente.

A sua lembrança irradia luz. Esse moinho do pintor deve ser considerado notabilidade em Vizeu,

e sítio de romaria artística para os visitantes. Não lhe toquem, conservem-na na sua pureza, na sua antiga rusticidade, talvez sobre elle pousassem os olhos d'esse homem, grande na humanidade, quantas vezes ali idealisaria esse espirito que produziu uma gloria nacional!

Gabriel Pereira.



AS NOSSAS GRAVURAS

UMA VISTA DE LEIRIA

A gravura que adorna esta pagina do OCCIDENTE reproduz um primoroso desenho composto e gra-

pado de flores, sabindo debaixo do chapéu redondo de abas viradas, tão pequeno, que mal se ajeita na cabeça. Da cinta pende a algibeira enfeitada semelhante as escarcellas da idade media.

Estas mulheres leirienses trazem vestidas muitas saias e é frequente fazerem uso de uma d'ellas como man'a, tirando-a da cintura e pondo-a sobre os hombros ou sobre a cabeça para se abafarem.

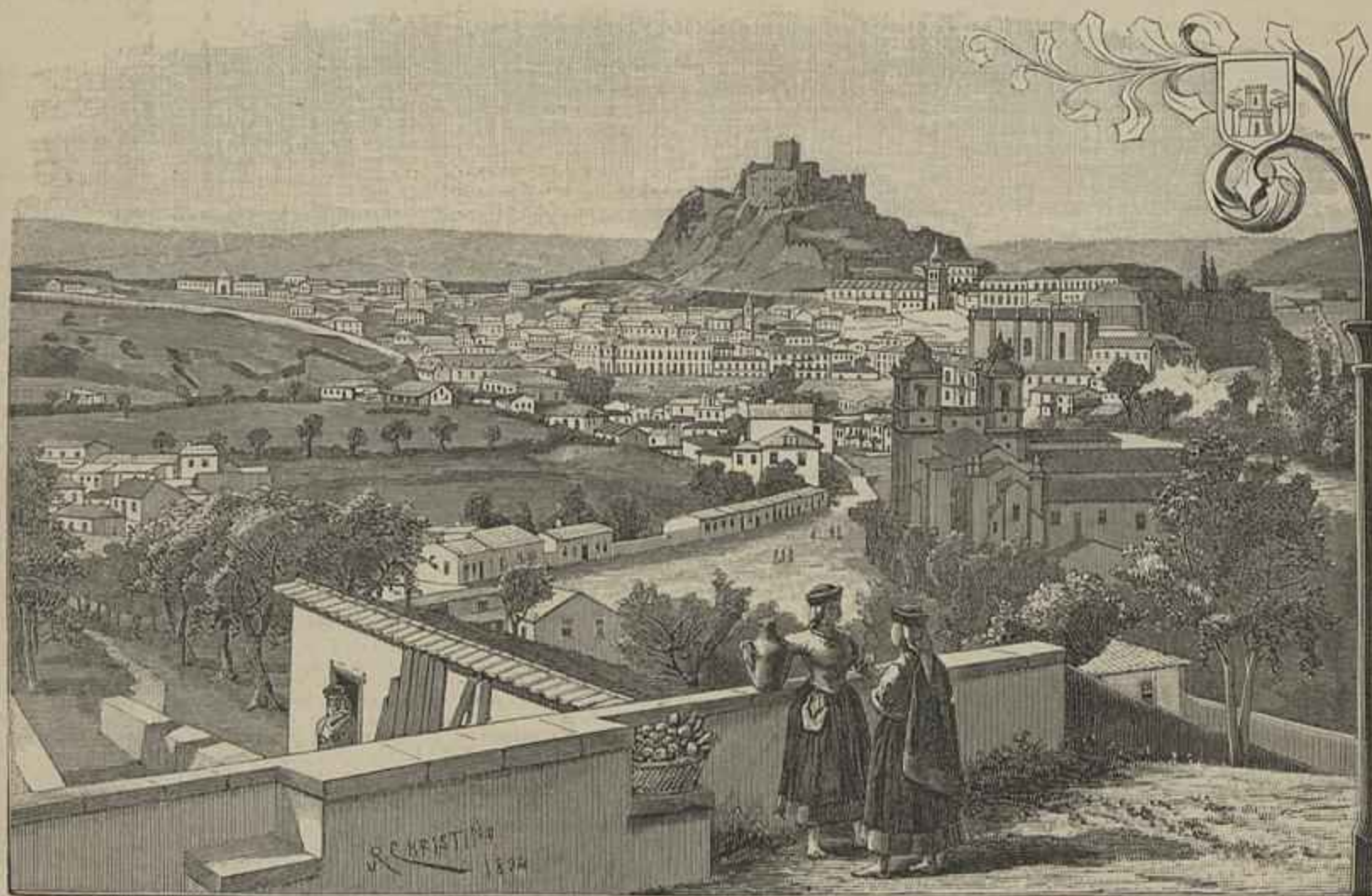
Observa-se ainda, á esquerda na gravura, sobre o ligeiro ornamento que a emmoldura, um escudo d'armas de Leiria representado por um castello entre dois pinheiros sobre que pousa um corvo em cada um d'elles.

A CURA DA DIPHTERIA

E' de recente data a sensação produzida, em todo o mundo civilisado, pelo professor Behring, distincto companheiro de trabalho do celebre dr.

de Shering, a preparação do medicamento o dr. Ahronohn, o qual, em tempo, foi medico assistente das enfermarias do hospital patrocinado pelo imperador Frederico Guilherme e sua esposa, instituto este, onde, pela vez primeira, se fez experiencia do especifico.

Os cavallos innoculados, naturalmente succumbem, passado um certo tempo, á perda de sangue, circumstancia que sobejamente explica a carestia do medicamento. Todas as cidades importantes do mundo civilisado teem adoptado este singular beneficio e destinado verbas consideraveis para a sua manutenção nos hospitaes. A municipalidade de Berlim votou uma verba de 6:000 marckos para esse fim. O professor Bayinski, director do hospicio imperial, acima mencionado, especialista notavel e authoridade no tratamento das creanças, reconheceu desde logo o valor do remedio e hoje, devido á sua poderosa iniciativa, as injeções aos diphtericos são ministradas pelo facultativo assistente da enfermaria, o dr. Klein, no pa-



UMA VISTA DE LEIRIA

(Desenho e gravura do sr. J. R. Christino da Silva. Cópia de uma photographia do sr. dr. J. M. Barata)

vado pelo nosso distincto collaborador e amigo, o sr. J. R. Christino da Silva, a que serviu de original uma excellente photographia do amador sr. dr. J. M. Barata.

Por mais de uma vez temos reproduzido vistas de Leiria, a formosa rainha do Liz, e temos dito d'esta cidade, que o é desde 1545 por decreto de D. João III, o que sobre a sua historia se sabe¹.

Não repetiremos, portanto, aqui o que ficou dito no nosso XII vol. sobre Leiria uma das mais bellas cidades da provincia da Extremadura, por seus edefícios importantes e aspecto pittoresco, e onde, segundo a tradição foi o berço da typographia portugueza, no seculo XV.

No primeiro plano da nossa gravura veem-se duas figuras de mulher, que representam os costumes populares da terra. São duas leirienses em trajes proprios, muito pittorescos e elegantes, com suas saias fortemente rodadas de sergilha azul ou cor de castanha com barra de velludilho, corpete de cores vivas, sobre que assenta o lenço estam-

Koch, com o descobrimento de um especifico para a cura da diphteria, o qual tem sido successivamente adoptado, e sempre com resultados satisfactorios, em todos os hospitaes e hospicios de Berlim, assumindo maior extensão as experiencias nas enfermarias especiaes ao tratamento das creanças. Fornecido, ordinariamente pela fabrica de tecidos de Bruning & C. em Höchst sobre o rio Mena, prepara-o tambem a manufactura de productos chimicos da companhia Shering, de Berlim, na sua sucursal de Charlottenburg. O medicamento obtem-se do seguinte modo:

O virus da diphteria é innoculado em cavallos, escrupulosamente escolhidos, e que estejam, já se vê, em perfectas condições sanitarias. A innoculação é ministrada por pequenas doses graduadas, e vem a cessar, apenas, quando se tem adquirido a certeza de que o resultado das operações corresponde plenamente á espectativa. Procede-se então á extracção da lymphá por meio de sangria. — O sangue extrahido é filtrado gota a gota, em frascos: a parte albuminosa precipita no fundo e vem ao de cima a parte liquida a qual fica constituindo a base do novo serum. Dirige, na fabrica

vilhão destinado aos enfermos atacados de tal molestia.

Entre o numero dos doentinhos, muitos são salvos das garras da morte, e outros evitam, pelo menos, os inconvenientes do antigo tratamento. A injeção é administrada aos enfermos nas coxas, por processo simples e semelhante ao das injeções de morphina. A operação é feita pelo facultativo assistente e assistem a ella tambem um praticante e duas enfermeiras. O doente jaz na cama. Dois minutos depois, rara é a creancinha que não está já brincando com os seus bonitos, satisfeita e socegada, e como se nada se tivesse passado.

O novo antidoto contra a diphteria, ainda quando não lograsse conjurar todos os casos perigosos, representa, comtudo, singular beneficio á humanidade e pode a Allemanha justamente ufanar-se de ter realisado tão util descobrimento, por um dos seus medicos.

Ultimamente, porém, o celebre dr. Roux, mestre em bacteriologia, tomando como ponto de partida os resultados attingidos pelo dr. Behring, conseguiu, mercê da sua bem conhecida persis-

¹ Vide Vol. XII do OCCIDENTE pag. 123 e 162.

A CURA DA DIPHTERIA

tencia e dos seus inextinguíveis methodos, aperfeiçoar de tal modo a descoberta do grande medico allemão, que a cura da diphtheria pôde d'ora avante considerar-se facto adquirido para a sciencia.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

IV

VISITA AOS FRADES DE ALCOBAGA,
A COIMBRA, ETC.

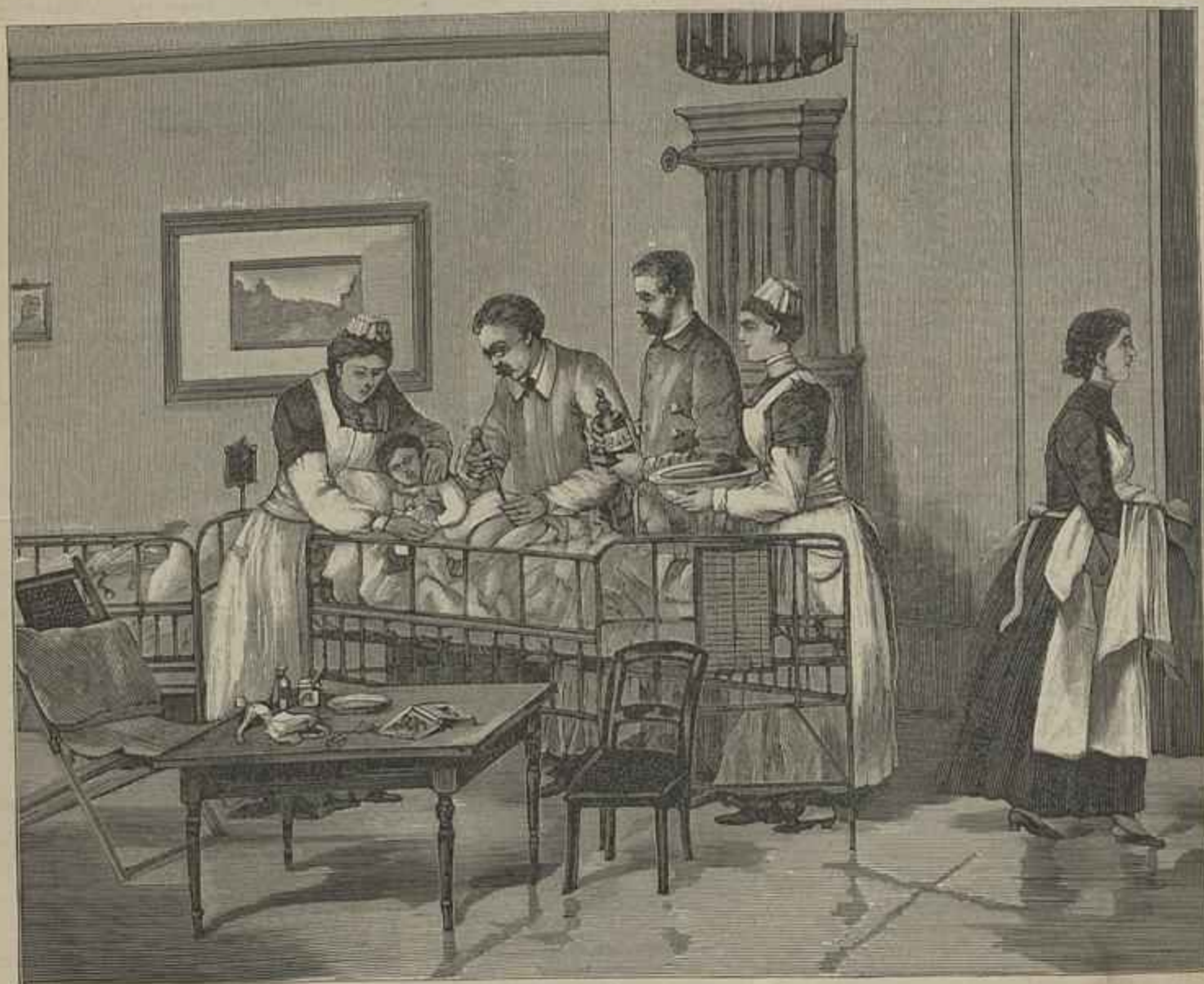
No dia anterior aquelle em que partimos de Lisboa, tivemos de acompanhar o enterro de um dos nossos officiaes, fallecido de manhã com um ataque de cholera, que o levou em menos de dez horas.

Em tributo á sua memoria, apanhámos uma valente estafa, marchando em funeral desde o Rocio até Buenos Ayres: e nós, ao outro dia de madrugada, eramos obrigados a ter tudo em ordem para irmos calcurriando a pé, sem destino, por esse mundo fóra, Deus sabe por quanto tempo, e para onde! Abri esta minha narrativa com um triste episodio: quiz, porém, mostrar, que, antes de estar em moda na Europa, o cholera-asiatico, o seu prototypo europeu, anticipando-se lhe, ia, de vez em quando e como por desfastio, exercitando, por ca, seu officio. Deixou, no presente caso, ficar a enorme distancia a palavra *promocão*, porque o pobre rapaz, que era já subalterno por occasião do cerco de Gibraltar, estava ainda á mesma altura, quando o sepultámos.

Devido a umas suppostas difficuldades inherentes ás estradas do norte de Portugal, a divisão do commando de Sir John Hope (e mais esse punha-



EXTRACÇÃO DA LYMPHA POR MEIO DA SANGRIA AO CAVALLO



APPLICAÇÃO DA LYMPHA AOS DOENTES, POR MEIO DE INJECCÃO

do de soldados de cavallaria de que dispunhamos,) devia ir em direitura a Abrantes, e d'ali, seguir marcha pelas margens do Tejo, por ter a seu cargo todo o municionamento do exercito. As restantes tropas tomaram differentes caminhos, destacadamente, em regimentos. A nossa marcha de Lisboa a Coimbra não podia ser mais agradável. Corria o mez de outubro, cuja temperatura, aqui, é semelhante à melhor que apanhamos, lá por Inglaterra, durante o mez de setembro; — dias claros, serenos e sempre lindos. Fizemos frequentes paragens à borda de rios, cujas aguas correm limpidas e tranquillias, e que tanto abundam em Portugal; eram moderadas as distancias e encontravamos, todas as noites, bons quartéis à nossa espera.

Fomos Tejo abaixo até Villa Franca e d'ali até Olla (Obidos?) onde mettemos pela estrada que atravessa para as Caldas, terra que ficava na linha da nossa primeira marcha.

Pode applicar-se, sem receio de exaggero, às estradas vicinias de Portugal, o celebre epigramma do marechal Wade acerca das que cortam as montanhas da Escocia:

«Se vissem estas estradas antes de terem sido feitas!»

Porque, a fallar verdade, entre uma estrada que nunca se fez e outra que nunca foi concertada, quem souber, que escolha: os sulcos das rodas dos carros eram signal unico de que podia por ali transitar gente. Em muitos pontos, as enxurradas tinham arrastado consigo toda a cama de terra, deixando apenas escavados penhascos — havia saltos de dois pés de altura: os poucos carros que levavamos, tinham de ser içados por cordas. Os carreiros portuguezes, imagino eu, quando tem de transitar por taes caminhos, empregam meio identico aos das *portagens* da America do norte; descarregam cá em baixo e acarretam depois a carga a braço. Nas Caldas, esgarmentado da primeira experiencia, consegui resistir à tentação do banho sulphurico: encontrei, aliás, optima compensação nas preciosas garrafinhas de vinho do Porto, com o lacre da companhia.

A nossa immediata paragem foi no espaçoso terreiro que fica em frente do principesco convento de Alcobaça. Já, por mais de uma vez, descripto e historiado em relações dos nossos viajantes, julgo não serem, ainda assim, mal cabidas duas palavras a respeito de tão sumptuoso monasterio, tanto mais que, actualmente, este pertence ao numero das muitas coisas que já lá vão: confiscados todos os bens d'esta opulenta congregação, no tempo de D. Pedro IV, reverteram em favor do Estado; foram expulsos e dispersos os monges, e não me consta que o edificio tenha sido restaurado, desde o dia em que Massena o condemnou à destruição.

Costumavam dizer, lá em Portugal, que quem subia ao alto do edificio e relanceava a olhar por todo o horisonte, não via senão propriedades d'aquella grandissima casa: — e tanto bastará para dar ideia da sua opulencia; contudo, uma parte importante de tão vastos dominios, e, em especial, os que ficam para o lado do nascente, pouco mais eram que colinas e cabeços estereis ou incultos. Feitas as contas, ainda assim, tinham os patuscos dos frades de sobra com que viver à farta e manter larga e rasgada hospitalidade: — casa aberta, e meza franca, como por lá se dizia.

O enorme edificio em que se alojavam e attendiam às suas devotas occupações tão benemeritos cenobitas, occupava grande extensão de terreno, elevado em planalto e entestando, pelo lado do norte, com a villa de Alcobaça. O maior lanço da vastissima construção era constituido pela parte conventual propriamente dita, comprehendendo o grandioso e extenso atrio, dois esplendidos corpos de edificio reservados para aposentadorias de hospedes, um sem numero de alcovas ou cellas e extensissimos dormitórios. Perdia-se o visitante n'aquelle dedalo de infinitos corredores, que iam ter, Deus sabe aonde e confundia-se, desorientado, n'um verdadeiro labyrintho de passadiços, de salas, de quartos; enfim, de estancias com todos os tamanhos e feitios. O refeitório não apresentava differença sensivel dos que viramos em outros conventos, exceptuando, todavia, o tamanho e, provavelmente, as opiparas iguarias que n'elle eram servidas. A maravilha, porém, o portento da casa, era a cosinha, recinto de capacidade descommunal, rematando, a grande altura, com um tecto de abobada. Estou que caberia ali, bem à vontade, toda a população da villa e que sobejaria ainda espaço.

Os fogões eram em renques; fornos e fornallhas, sem conto. De tudo porem, o que mais espanto me causou, foi ver pela primeira vez na minha vida, ao meio de uma cosinha, correr um rio!

Uma parte da agua vinha encanada para uso da

cosinha e para as lavagens; o grosso da corrente, porém, ia passando atravez de successivos reservatorios, ou prézas, de madeira, nos quaes nadava toda a casta de peixes de agua doce; que pareciam estar mesmo a dizer: «comei-me!» Vimos, sobre as vastas mezas de pedra, montões de comestiveis de todas as qualidades, — e sou testemunha de que não eram só para vista — porque, pouco depois da nossa chegada, foi servido a toda a officialidade, em um dos vastissimos aposentos a que me referi, um jantar que teria dado que fallar, ainda mesmo nos paços de um grande principe. Succediam-se, sem interrupção, todas as variedades de carnes; peixes de todas as especies; aves; caça, grossa e meada, pastellaria, e uma infinidade de doces. Por detraz da cadeira de cada official, perfilava-se um irmão leigo, ou noviço, sempre attento a servir o, mudando de continuo os pratos, enchendo os copos, enquanto o abade, assistido pelos trados mais edosos da communidade, dirigia em pessoa os pormenores do lauto festim, vigiando com incessante zelo e escrupulosa attenção que nada faltasse e fosse tudo servido a tempo: — garrafa despejada, vinha logo outra, cheia: em summa, fazia as honras da casa, que nem o mais aprimorado mestre sala.

Eram pratos sobre pratos — um nunca acabar, e, para remate da festa, veio co-oar o banquete variadissima sobrezeza. Em presença de tão gastronomicas delicias, quem se não confessaria vencido? Até o proprio Dalgetty: — o bom do major era capaz de professar logo — fazia-se, com certeza, benedictino. E d'ahi, onde iria elle apanhar rancho que se parecesse.

Tudo vem a acabar, n'este mundo e, como tudo mais, os bons jantares; depois da sobrezeza propoz o abade aos hospedes mostrar-lhes as maravilhas da casa. Tinham assistido ao jantar duas senhoras, casadas com dois officiaes, que estavam aquartellados na villa; e tal circumstancia affirmou, em termos da maior solemnidade, o venerando chefe da munificente e virtuosa congregação, era favor grande e fineza especialissima; eram as primeiras mulheres que punham pé no convento!

Creio ter conseguido dar ao leitor uma tal ou qual ideia do convento; da egreja, sombria e severa, confesso que não recebi impressão notavel; o que, mais que tudo, prendeu minha attenção, foi a capella que encerra os tumulos d'el-rei D. Pedro e de D. Ignez de Castro. Ao contrario da egreja, a livraria que com ella entesta pelo lado do sul, era alegre e vistosa: as estantes mui opulentas de livros. Entre um sem numero de obras mysticas e de theologia havia tambem livros modernos, e alguns de caracter um tanto equivoco, dada a santidade do lugar. Finalmente, o grandioso quanto rico mosteiro de Alcobaça, podia ser considerado um instituto perfeito para todos os fins religiosos... e ainda para muitas coisas mais.

Vizitei, na Sicilia, o afamado convento de S. Martinho em Monreale, o qual, emquanto a esplendor e conforto, passava por ser o primeiro em toda a Europa; — declaro, porém, e affirmo, que não tinha comparação com o de Alcobaça.

(Continúa.)

Spectator.

MIGALHAS DE HISTORIA

II

O GRANADEIRO MANOEL FRANCISCO

A ordem do dia 2 de novembro de 1762, mandada publicar ao exercito pelo marechal general conde reinante de Schaumburg-Lippe, era do teor seguinte:

Quartel general em Abrantes 2 de novembro de 1762. S. A. o Marechal General faz saber ao exercito que o grnadeiro Manoel Francisco, do 2.º Regimento de Cascaes do commando do coronel Diniz de Mello, pereceu muito gloriosamente, sacrificando voluntariamente a sua vida, pelo bem do serviço; querendo passar o Tejo a nado, durante um temporal, afim de facilitar a passagem a um destacamento do corpo do sr. Brigadeiro Burgoyne, que devia ir occupar o forte de Villa Velha, morreu por aquelle modo. S. A. o sr. Marechal General, não se julgando satisfeito apenas com ter procurado os meios de prover a manutenção da familia do fallecido grnadeiro, quer tambem que o seu nome seja conservado para perpetuar a memoria de acção tão bella e para animar os demais militares a seguirem tal exemplo. Promette o Mesmo Senhor, por esta occasião, recompensar sempre aquelles que particularmente se dis-

tinguam, e cuidar das suas familias, no caso que falleçam.

ajudante general
de Bohm

Qual foi porém o movimento que deu logar ao sacrificio do grnadeiro Manoel Francisco, e que circumstancias concorreram, para determinarem aquelle bravo a expôr-se a um perigo eminente?

Existia guerra entre Portugal e a Hespanha, aquelle era auxiliado pela Inglaterra, a segunda pela França.

O exercito portuguez, depois de um longo periodo de paz, que se seguiu à famosa invasão de Hespanha pelo marquez das Minas, havia perdido a maior parte das suas brilhantes qualidades. Organização, disciplina, arranjo, fardamento, armamento, equipamento, munições tudo estava reduzido ao infimo estado. A Inglaterra mandou um corpo auxiliar e alem d'isso Portugal contratou officiaes estrangeiros, para virem reforçar a corporação portugueza e introduzir nova disciplina nas suas tropas. Lendo-se o diario particular do coronel de Bohm, faz-se uma ideia perfeita do estado do Exercito, pelas notas que, a respeito de muitos officiaes e dos diversos ramos de administração militar, o distincto official allemão vae lançando no papel.

Não é porém nossa intenção tratar agora esse ponto, nem sequer descrever toda a campanha. No Alem Tejo onde commandava em pessoa o conde de Lippe pouca importancia tiveram os movimentos. A acção mais importante da campanha foi a que se deu pela Beira, em Valença d'Alcantara, glorioso feito d'armas, que veio mostrar que o soldado portuguez, basta instruir o para lhe deixar patentear as grandes qualidades que o tornaram heroe nos combates da Africa, da Asia e da America e na defeza da independencia da patria. O exercito do Alem Tejo havia avançado até Portalegre, mas os hespanhoes, recebendo novos reforços, determinaram um movimento de avanço, pretendendo envolver ou cortar as nossas forças.

Conhecendo a escasez numerica d'estas, e ainda mais, a dos seus recursos, ordenou o conde de Lippe um movimento de retirada, afim de tomar posições, para resistir convenientemente áquellas forças, superiores em numero e cohesão. Esse movimento operou-se, e em algumas partes com tanta precipitação, que se perderam armas, tendas de campanha, artilheria e carros de munições.

É notavel que em quanto os commandantes abandonavam o acampamento, o que levou o conde de Lippe, a obrigar um coronel a pagar a importancia das barracas deixadas por elle, um soldado portuguez, do regimento do coronel Foulis, vendo um carro de munições abandonado, e que em breve cahiria na mão do inimigo, à vista d'este não trepidou, lançou-se ao carro, deitou-lhe a mão e trouxe-o, correndo pelos mãos caminhos, até o apresentar ao seu commandante.

Logo que d'este facto teve conhecimento o conde de Lippe resolveu premiar o soldado, mas como soube, que aquelle coronel o havia promovido, fez-lhe escrever pelo ajudante geral de Bohm a carta que em seguida traduzo:

Ao coronel Foulis em Valle de Serrão. A acção e o comportamento do soldado do regimento do seu commando, que salvou o carro de munições, merecia uma recompensa e S. A. ficou satisfeittissimo por o haverdes promovido ao posto de sargento. Na inclusa se ordena à Vedoria, que vos remetta seis peças de ouro, que tereis a bondade de lhe entregar em nome do Senhor Marechal General. Por essa occasião declarareis aos soldados do regimento do vosso commando, que devem contar sempre com uma recompensa, por toda a acção notavel que praticarem por bem do serviço.

Houve alguns carabineiros portuguezes que salvaram assim outra munições e foram recompensados.

O exercito, porém, retirava, e os hespanhoes avançavam. Quando se aproximaram de Villa Velha o official que alli commandava, abandonou a posição, mas poucos dias depois o brigadeiro Burgoyne (que commandou a brilhante acção de Valença d'Alcantara) achando-se do outro lado do rio, e vendo o inimigo em pouca ordem, deparou-se-lhe azo sufficiente para uma facção atrevida, e mandando atravessar o Tejo a uma força de cavallaria, fazendo montar uns cem cavallos por carabineiros, com tanta certeza deu o golpe, que desbaratou o corpo hespanhol, aprisionando gente, gado, armas e munições de toda a especie.

A concentração foi-se operando e as forças portuguezas tomaram posições desde a ribeira de Codos até o Tejo, tendo na rectaguarda o Zeze-

re, occupando as povoações, da esquerda para a direita, de Cados, S. Domingos, Carvilhas, Santo André, Santo Antonio, Sardoal, Abrantes e Mouriscas.

Um movimento feliz do general Townsend, que commandava na esquerda, ameaçando o flanco direito do inimigo, fez com que este, por seu turno retirasse também, abandonando algumas posições, entre ellas Villa Velha, que o Marechal ordenou logo ao Brigadeiro Burgoyne occupasse.

Havia porém um obstáculo. O tempo desde muitos dias se conservava mau; já a 11 de outubro escrevia de Bohm «que os caminhos estavam pessimos; e na vespera um carabineiro de S. A. se tinha afogado, cahindo a uma ribeira formada pelas aguas pluvias, cuja corrente o arrebatou com tanta rapidez e vehemencia que não foi possível salvá-lo; homem e cavallo foram quebrar-se contra as rochas, onde ficou horrivelmente despedaçado; chamava-se Söhrder o carabineiro, e era um bello homem.»

Era pois a 24 de outubro; o Tejo ia grosso, turvo, tumultuoso. Não havia pontes, como atravessal-o? O granadeiro Manoel Francisco, reconhecendo a importancia do feito, sentindo-se quente do amor da patria, animoso de forças e coração, offerece-se para, a nado, levar uma corda á outra margem, afim de por meio de uma barca facilitar a passagem do rio! Ainda mal! Eil-o que se atira á agua; nada, braceja; ora surge no dorso da vaga, ora se esconde no concavo que ella abre; agora avança, logo parece repulsado das ondas; os seus camaradas seguem-o de olhos fitos e palpitantes de anseio; de repente soam um brado de afflicção: Manoel Francisco havia desaparecido envolvido pela corrente!

Mas se as aguas despidiosas não respeitaram tão heroica abnegação, nós devemos lembrar aos nossos compatriotas o nome singelo e obscuro do pobre granadeiro, cujo feito mereceu a admiração dos proprios estrangeiros, que vinham auxiliar Portugal nas suas lutas.

E se o favor e premio

Não o dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubica e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza,

dediquemos, os que ainda não estamos degenerados, o nosso obulo á memoria do heroico Manoel Francisco, registando aqui as palavras que o sizo de Bohm consagrou ao seu nobre arrojo, no *Diário* já citado, que traduzimos.

S. A., que sente grande regosijo quando pode exaltar o menor rasgo de valor dos portuguezes, não se cansava de ler e elogios, certamente devidos a uma acção digna dos antigos romanos.

E ainda não ha uma lapide na margem do Tejo, que perpetue a memoria do benemerito Manoel Francisco!

Jacinto Peres.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do numero 574)

Biblia Sacra, codice do XII seculo, notabilissimo manuscripto pela singular finura do pergaminho, pela perfeição, regularidade e miudeza dos caracteres e pela riqueza e correcção das miniaturas que ornão muitas das capitais dos diferentes livros. É sobretudo, notavel por consignar, na primeira Epistola de S. João, o passo ácerca do *Mysterio da SS. Trindade*.

Biblia Sacra, codice escripto em finissimo pergaminho, com illuminuras, e em caracteres germanicos, é muito notavel a todos os respeito.

Reporta-se este manuscripto do seculo XII, no que seguimos as conjecturas de Frei Manoel do Cenaculo que o doou á Bibliotheca Nacional.

Outra **Biblia Sacra**. Codice que contém o novo e o velho testamento. Escripto em finissimo pergaminho com caracteres alleinães, miudos do XIII seculo, a duas columnas por pagina; com tarjas e capitais illuminadas e douradas, e com mui delicadas miniaturas, contém também completa a epistola de S. João, circumstancia que a torna muito apreciavel. Ainda possui a Bibliotheca Nacional mais quatro *Biblias* illuminadas, uma do seculo XIII, outra do XIV; porém são de menor valor e a primeira está mutilada.

Biblia Sacra Hebraica. O mais precioso codice do XIII seculo, escripto em excellente pergaminho, a duas columnas de perfeitissima letra, com pontos e notas; cada pagina é cerrada com a *Mazora* escripta em bem traçados desenhos e debuxos illuminados com cores vivas e ouro. Foi escripto em Serbéra, logar de Hespanha pelo famoso Rubim Abrahão, filho de Rabi Natán, em

o anno dos Hebreos 5059, que corresponde ao 1399 da nossa era. Os desenhos foram feitos á penna por José Asarfati. Este codice é o mais antigo que se conhece, do qual não teve noticia nem Rossi nem Michaeli, famosos indagadores e descobridores de codices biblico-hebraicos, vendo-o apenas o sabio Heniniot. Por estes motivos pode haver-se por obra rarissima e de primeira ordem n'este genero, de codice sagrado.

Foi comprado em Hamburgo por um ministro do principe regente por oitocentos mil réis e avaliava-se hoje em mais de cinco mil libras.

Ainda devemos notar mais n'esta Biblia que é o unico exemplar illuminado no estylo arabe propriamente dito, isto é, no seu estado de pureza mais perfeito, que possuímos.

Em muitas folhas, no principio e no fim do livro, o texto distribuido por uma, duas, e mais columnas, é contido em portadas coloridas de formas variadissimas.

Certos arcos tem a forma de ogiva pouco elegante, anterior a 1300 e outros são de volta redonda, outros de ferradura e ainda outros na forma de mitra. Muitas vezes o portico é substituido pela moldura, exteriormente quadrangular e curvilinea interiormente formando uma linha segmentada.

A ornamentação perfeitamente arabe dá a este livro um grande valor pela raridade que ha de livros illuminados d'esta forma, repetimos.

Brasão da Fidalgia e Geraçã de Domingos Dantas da Cunha M. DC. LXXX.

Manuscripto em grosso pergaminho com caracteres bem feitos, tarjas e letras coloridas e o frontespicio e uma estampa com o brasão do referido fidalgo.

Brazão d'armas de João Cardozo da Costa. Cavalheiro professo da ordem de Christo, passado no Anno do nascimento de noso S. Jezu Christo, de 1727.

Escripto em forte pergaminho com boa lettra redonda — e com o frontespicio e o respectivo brasão illuminados.

Breve tratado ou epilogo de todos os Viso reys que tem havido no Estado da India. Successos que tiveram no tempo dos seus gouernos. Armadas de Navios q. do Reyno de Portugal forão ao dito Estado E do que succedeo em particular a alguns dellas nas Viagens que fizerão. Feito por Pedro Barreto de Rezende Secretario do Senhor Conde de Linhares Visorrey do Estado da India. No anno de 1635.

Manuscripto em papel, illuminado a aguarellas, formando dois volumes. E' uma copia feita em Paris por uma senhora portugueza, como se vê da seguinte nota no principio do primeiro volume «Este volume compreende a primeira parte do MS. original de Pedro Barreto de Rezende existente na Bibliotheca Nacional de Paris. Consta de cento e quinze folios illustrados com 44 aguarellas representando os retratos dos Governadores e Viso-Reys da India, e mais um frontespicio e a arvore genealogica do Conde de Linhares. Estas illuminuras, bem como as do segundo volume: (*Descrições das fortalezas da India Oriental*), foram cuidadosa e fielmente copiadas por D. Christina Garin dos Sanctos».

E mais abaixo:

«Começou este trabalho no mez de Agosto do anno de 1887 e finalizou no mez de Abril do anno de mil oitocentos e oitenta e nove.»

Diz Ferdinand Denis que o *British Museum* possui também uma copia d'este livro.

(Continúa.)

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 573)

II

AGUAS PASSADAS

Estevam, dizendo mal da vida, continuava nas suas melancolicas isolações, depois de jantar, sob a nespereira do quintal; e apesar de ter abandonado as rondas de enamorado, em frente do casarão severo, nunca deixava de espiar o jardim visinho, com desalentada esperanza, d'entre a ramagem da nespereira.

Succedeu que n'uma d'estas investigações, quando o rapaz, de desanimado fazia as suas acções á arvore como um acto mechanico e sem reflexão, — foi n'esta epoca, assim vazia e infeliz,

que Estevam, um dia, verificou, extasiado, que a visão dos cabellos loiros reaparecera! Cada vez mais linda estava ella sentada no mesmo logar, que a sombra da tilia gigante enchia de frescura: o seu olhar parecia absorto, e as suas mãos, de uma brancura lactea, volteavam enramando cuidadosamente, como da primeira vez, as flores dispersas que lhe enchiam o regaço.

Estevam, d'esta vez, não gritou nem se moveu; a surpresa, a ventura, tinham-no deixado absolutamente paralyzado. D'onde estava, via-lhe apenas o contorno da *pommette* direita, emergindo da nevoa dourada dos cabellos torcidos e presos no alto da cabeça com elegante simplicidade; a curva do seio, apertada no *corsage* preto, arfava docemente, meio encuberta pela linha da espadua; e na sua belleza radiosa e delicada, havia toda a graça estonteante e cantante de uma andorinha.

Em Estevam, a regressão da lucidez tão fortemente ahalada por as commoções d'aquella surpresa, foi vagarosa; e logo um tropel de planos incoherentes e excessivos tumultuou todo o seu cerebro. Que fazer?... Faliar-lhe, chamal-a, dizer-lhe que o seu vulto de mulher amada povoara sempre as suas ultimas recordações? Mas ella, que diria? Que pensaria de um homem desconfiado que escala um muro, como um espião, para lhe confessar o seu amor?

Entre aquellas hesitações, lembrava-se de ter lido, n'um dos seus auctores favoritos, um caso analogo em que a audacia da primeira confissão é suavisada, com exito, por uma carta que se arremessa... Ah! se elle tivesse adivinhado!... Com que fervorosa paixão, teria escripto as palavras reveladoras do seu segredo!

Pensando n'isto os seus olhos, concentrados, quasi não viam a maravilhosa creatura que, tendo enramado todas as flores que lhe inundavam o regaço, se erguera ligeiramente e caminhava rente com o muro em que elle se apoiava.

Irreflectidamente, irreprimivelmente, os labios de Estevam abriram-se, n'um brado:

— Minha senhora!

E antes que ella erguesse os olhos, precipitou:

— Escute, não me crimine nem me fuja. Ha um mez que eu a vi onde agora está... Era a primeira vez que a via... Desde esse momento, não se passa um só dia em que eu aqui não venha, com a esperanza de a encontrar... Mas, porque foge?... Escute... Por misericordia, não me fuja.

Havia na sua voz uma supplica tão afflictiva, que ella parou, machinalmente, muito embarçada, baixando os olhos que momentos antes levantara com receioso espanto. E assim immovel, silenciosa, de cabeça baixa, ouvia as palavras frementes do rapaz, como se aquelle acontecimento inaudito a tivesse estatuido.

E Estevam, mais debruçado sobre o muro, exagitado por essa primeira concessão que o seu amor obtinha, balbuciava as palavras n'uma voz ciciada de confidencia:

— Eu bem sei que é estranho, que devo parecer bem culpado, por vir assim perturbar as suas horas intimas... Perdõe-me... Mas, meu Deus! como hei-de eu reflectir no que faço, se desde que a vi, todos os meus pensamentos têm sido absorvidos pelo desejo de a tornar a ver? Assim, se eu...

Interrompeu-se. A voz de uma creada, chamava distante:

— Senhora D. Rosalia! Senhora D. Rosalia!

Ella, amedrontada, ergueu um olhar timido, na face uma onda de rubor, e disse, dando um passo em retirada:

— Vem gente!

Estevam, desnorteado, vendo-a fugir, ainda bradou este grito de esperanza:

— Amanhã!

Mas no dia seguinte, embora esperasse muito tempo, a visinha não appareceu. Estevam, alterado por este facto, que o triumpho da vespera tornava mais doloroso, sahio de casa com a resolução firme de rondar até á noite em frente do palacete que tão avaramente escondia a maravilhosa creatura dos cabellos loiros.

Preoccupado com as difficuldades que se oppunham ao seu amor, Estevam não cuidava em disfarçar as suas intenções, passava em frente do casarão, investigando demoradamente as janellas, parava, tornava a passar e a investigar, — e isto incessantemente, durante duas horas. Aquelle dia terminou infeliz; os seus esforços improductivos deixaram-no aniquilado. No dia seguinte, como a entrega no quintal novamente falhasse, Estevam tornou para o seu posto, imaginando que se a adoravel visinha não apparecia, era por ser violentada a fazel o por algum da familia.

Os repetidos passeios d'aquelle rapaz em frente do palacete, começaram a despertar a curiosidade dos visinhos: atravez das vidraças de alguns

casebres proximos, olhos sofregos cocavam-no, seguiam os seus gestos e movimentos com ansiosa espionagem.

Uma tarde, quando Estevam já ia dando ao diabo a sua teimosa infelicidade, passou junto d'elle uma mulherzinha esguia e de negro, com um chale pela cabeça, que lhe segredou, sem parar, n'uma voz discreta:

— Em o fidalguinho querendo alguma coisa p'ra o Palmeirão, eu arranjo...

E, sem esperar resposta, a mulher seguiu sempre. No dia seguinte, nova passagem e novas palavras:

— Então, não quer nada? Venha ali á esquina.

Estevam, curioso, sem saber o que pensar, seguiu o vulto antipathico da creatura até um local despovoado, onde desembocava uma estreita rua transversa.

— Que é? — fez elle, parando em frente da mulher.

— Ora, o que é!... Pois o que ha de ser, senão uma coisa boa? Diga-me uma coisa: o fidalguinho quer que entregue alguma cartinha á menina do Palmeirão?

— Do Palmeirão? Quem é essa menina?

— Ai, ai! olha que chalaça! Então o fidalguinho, anda toda a santa tarde a espreitar as janelas da casa do Palmeirão, e não sabe quem é a menina que lá mora? Então é por causa da tia, que gasta as suas solas em frente da casa?

— Eu sei lá que embrulhada você está ahí a teccer, santinha! Olhe, sabe que mais, tracte da sua vida e deixe a dos outros em paz.

— Ai, elle é isso? Pois quero vêr como o senhor ha de achar pessoa capaz de entregar alguma coisa á D. Rosalia!...

— Este nome feriu lume na memoria de Estevam: fora assim que uma creada chamára o objecto das suas amorosas esculcas, no dia memoravel d'aquella confissão no quintal... Deteve a mulher:

— Espere lá, santinha... Então diz você que era capaz...

— Só eu! — retorquiu a velha, com orgulho, batendo no peito. — Só eu sou capaz de fazer chegar uma carta ás mãos d'aquella menina. Cá tenho a minha manha! A velha, a D. Florencia, não a deixa nunca, nem ás creadas, por isso é que é difficil... Olhe tem o senhor ahí a cartinha? Se tem, dê-m'a cá, e amanhã por estas horas já ella ha de estar farta de a ler!...

— Mas você falla da menina que mora n'aquella casa grande, não é? — fez o rapaz receando engano.

— Pois está visto! Na casa do Palmeirão. É a D. Rosalia, filha do brasileiro Felgueiras, que morreu. Conheço-a como as minhas mãos. Se tem ahí a carta, dê-a cá!

Estevam desde certo tempo, trazia sempre uma carta, de prevenção, hesitou um instante, com a mão no bolso interior. A mulher offendeu-se:

— Crédo! Se desconfia, guarde o papel! Olha os trabalhos! Não lá isso!... Nunca a Emilia Tintureira fez uma acção d'essas. Pode perguntar a toda a gente.

Estevam resolveu-se:

— Ninguém desconfia, mulher, ahí tem a carta. Logo que poder entregue-lh'a, ouviu? Eu, amanhã, passo por aqui.

— Olhe, vá o fidalguinho á minha casa. É ali adiante, n.º 109. E agora, venha de lá uma placa, para ajudar a porca da existencia.

Assim começou, entre Rosalia e Estevam, uma viva correspondencia que a difficuldade de se verem tornava mais vehemente e amorosa. Entretanto, já por duas vezes, illudindo a vigilancia da velha tia, Rosalia tinha concedido ao rapaz, alguns momentos de completa felicidade, animando com a sua doce voz, as cambiantes esperanças que elle punha no futuro... Estas entrevistas realisavam-se no quintal, n'aquelle sitio que tinha, para elle, o encanto de lhes memorar o primeiro encontro.

Estevam, aturdido de felicidade, exauria as suas pequenas mezadas, para ajudar a «porca da existencia» da Tintureira — que ainda não cessara de celebrar o excellento exito da «sua manha».

Mal ella sabia que, um mez depois, a perspicacia do José Elias bastaria para descobrir toda a sua estrategia, — que tinha como principal auxiliar, as grades d'aquelle altar da Sé, onde D. Florencia, todos os dias, ouvia a missa com Rosalia ao lado.

Explicados estes antecedentes, é tempo de irmos no encalço do sacristão, depois que elle interceptou a 1.ª carta que o provavel herdeiro dos milhões e das manias de Hilario Pimenta, escrevia á menina do Palmeirão.

(Continúa).

NECROLOGIA



ANTONIO THOMAZ DA FONSECA

DIRECTOR DA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

FALLECIDO EM 17 DE DEZEMBRO DE 1894

Com a morte de Antonio Thomaz da Fonseca extinguiu-se o ultimo representante de uma familia de artistas, que deu á arte notaveis cultores.

Antonio Thomaz da Fonseca, que nasceu em Lisboa pelos annos de 1822, era netto de João Thomaz da Fonseca pintor historico e professor na Escola dos Caetanos, e filho de Antonio Manuel da Fonseca, professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa e pintor notavel, de que o OCCIDENTE publicou o retrato e biographia com a reprodução de um quadro e uma escultura a paginas 234 a 237 do volume XVII.

Artista por nascimento Antonio Thomaz da Fonseca não desmereceu dos seus antepassados e a par das obras que deixou attestando o seu merito, assumio elevada posição na gerarchia da arte chegando a ser director da Academia das Bellas Artes de Lisboa.

Antonio Thomaz da Fonseca completou no estrangeiro os seus estudos artisticos, e assim esteve em França, na Italia, na Allemanha e na Inglaterra frequentando as grandes escolas e visitando os grandes museus d'arte.

D'ahi tirou proveitoso ensinamento e adquiriu habilitações pouco vulgares entre os artistas do seu tempo.

Regressando a Portugal foi provido na cadeira de desenho de ornato da Academia de Bellas Artes de Lisboa, succedendo, em 1878, a Joaquim Pedro de Sousa, no cargo de director da mesma Academia, para o qual foi nomeado pelo governo.

Mais tarde foi nomeado lente de desenho do Instituto Industrial e commercial de Lisboa, sendo tambem nomeado director do Museu de Bellas Artes criado em 1882, cargo este inherente ao de director da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

Entre as suas principaes obras devemos notar o projecto e direcção da construcção do monumento aos Restauradores, que se vê na praça do mesmo nome, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, e um projecto para o monumento a D. Pedro IV, na praça do mesmo nome em Lisboa, que obteve o 2.º premio.

Antonio Thomaz da Fonseca, era de boa figura e fino tracto, frequentador da alta sociedade, onde era muito bem recebido.

Ha perto de dois annos uma terrivel doenca, a diabetes, prostrou o no leito e, depois de varias alternativas em que, ora melhorava, ora piorava cahiu victimado pela morte no dia 17 de dezembro ultimo.

G. A.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Instituto, revista scientifica e litteraria. Volume XLI — Setembro de 1894. Terceira serie, n.º 15. Coimbra, Imprensa da Universidade.

Formam este numero da tão apreciada revista

os seguintes artigos: D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, por José Caldas, em que se evidencia bastante trabalho de investigação; D. Izabel d'Aragão, por J. Mendes dos Remedios, artigo este muito curioso de boa critica e de forma instructiva; Memorias de Castilho, por Julio de Castilho, um bom pedaço de historia delicadamente autoescripta. Ainda muitos outros artigos de equal valor.

Bibliotheca publica de Nova Goa. Relatorio do anno economico de 1893 a 1894, pelo bibliothecario J. A. Ismael Gracias.

É sempre com alegria que registamos a publicação d'algum novo trabalho do erudito patriota e distincto bibliothecario goense o sr. Ismael Gracias.

Lemos com a maior attenção o substancioso relatorio. É notavel a parte que se refere aos livros comprados e que va de pag 3 a 16, onde se desenrola uma innumeração critica e sabia da livraria indiana, e em que se expõe o estado dos estudos indianos. As opiniões do sr. Gracias sobre as diversas obras, a avaliar por aquellas que se referem a obras que conhecemos, é justissima e inspirada na sua sabedoria.

O presente relatorio synthetisa formosamente o trabalho do patriótico bibliothecario.

Agradecendo ao auctor a offerta de mais este seu trabalho, reiteramos a nossa admiração transcendendo o seguinte officio que lhe foi dirigido pelo secretario do governador geral da India:

«S. Ex.ª o Governador Geral, a quem foi presente o bem elaborado relatorio d'essa bibliotheca, do anno economico de 1893 a 1894, por v. s.ª remittido com o seu officio n.º 12 de 16 do corrente, encarrega-me de lhe dizer que apreciou muito o mesmo relatorio e espera que v. s.ª continue a empregar a sua louvavel e meritoria sollicitude no desenvolvimento do referido instituto, que dirige com distincção»

Deus guarde a v. s.ª — Secretaria do governo geral em Pangim, 30 de julho de 1894.»

Que se registem estas palavras de louvor que tão bem merecidas são e que tenhamos lugar de registar muitas outras é o que desejamos.

O Microbio, semanario de caricaturas; redactores artisticos Celso Herminio e Augustus; redactor litterario Titan.

Temos recebido varios numeros d'este periodico que fazem honra aos seus redactores.

Longa vida ao graciosos periodico é o que sinceramente desejamos.

Almanach dos Theatros para o anno de 1895. — Lisboa. — João Romano Torres, editor, 1894.

Curioso almanach, contendo uma grande variedade de monologos, cançonetes, poesias comicas, e varias produções humoristicas, satyricas, etc., etc. Dirigido por F. A. de Mattos.

Contem graciosas produções de auctores laureados, taes como Accacio Antunes, Eduardo Garrido, Guerra Junqueiro, D. João da Camara, Sousa Viterbo, etc.

É enriquecido com os retratos de diversas actrizes, e o seu preço é muito modico — apenas 100 réis.

Revista dos Lyceus. Publicação mensal. IV anno, 1.º semestre. Setembro e outubro de 1894. N.º 4 e 5.

O numero que temos presente traz o regulamento das escolas municipaes do estado da India, bem como parte do regulamento do Lyceu de Nova Goa.

É uma publicação muito util.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1895

Já está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª